

Capítulo I

Antonia olhou o livro sobre o colo e percebeu que já havia lido a mesma página três vezes, sem conseguir se lembrar de uma única palavra. Na verdade, nem lembrava que livro era. Provavelmente, um romance.

Ela levantou a cabeça e olhou para Judith.

— Você acha que Adam demorará a chegar? Deve ser quase meio-dia. Sem erguer os olhos do bordado, Judith sorriu com simpatia.

— Você fez a mesma pergunta há cinco minutos, e ainda falta muito para o meio-dia.

Antonia franziu o nariz e desistiu do livro. Colocou-o sobre a mesa e se pôs a andar de um lado para o outro, impaciente. Desde que recebera a carta do primo, no mês anterior, estava ansiosa pelo momento de revê-lo.

— Se eu soubesse em que navio vai chegar, poderia esperá-lo no cais.

— Não foi para menos que ele não contou — Judith respondeu com a paciência habitual. — Mesmo sem se encontrarem há quase oito anos, Adam a conhece o suficiente para saber que se atreveria a esperá-lo na Ilha dos Cães, lugar nada adequado para uma dama.

— Não diga bobagens! — Antonia exclamou, rindo de si.

Ela voltou a passear com ansiedade no cômodo em que as duas mulheres passavam grande parte do tempo quando estavam em Londres. Menos formal que a sala de estar, o aposento proporcionava uma bela vista para Grosvenor Square.

Embora não fosse tão luxuoso quanto o da propriedade Thornleigh, o quarto de Adam era o cômodo mais acolhedor da casa. A mobília fora escolhida priorizando o conforto em vez do estilo. Estantes com livros, revistas periódicas e instrumentos musicais proporcionavam uma atmosfera aconchegante e íntima.

— Você está certa. Mesmo depois de oito anos, Adam me conhece melhor do que ninguém.

Ela e Adam Yorke, seu primo em terceiro grau, haviam crescido juntos. Três anos mais velho, ele era o irmão que Antonia nunca tivera. Quando jovens, fora a pessoa mais importante do mundo para ela. Adam fora seu melhor amigo do sexo masculino, assim como Judith certamente era a melhor amiga que Antonia já tivera. Como fazia diariamente havia mais de dois anos, abençoou a oportunidade de tê-la em sua vida.

Embora na superfície as duas fossem diferentes, a viúva era inteligente, tinha opinião e senso de humor semelhantes aos dela. Contratar Judith

fora uma ótima ideia. Ao mesmo tempo que lhe fazia companhia, a amiga respeitava sua privacidade e se refugiava quando presentia a necessidade de Antonia ficar sozinha.

Tia Lettie se vangloriava pelo sucesso da intromissão, prazerosa pelo fato de que a natureza calma de Judith começara a influenciar a vida de Antonia.

Em contrapartida, Judith tinha amadurecido, sendo encorajada a exprimir seus pensamentos, e era valorizada pelos conselhos úteis.

Agora, a palidez sombria do rosto severo ganhara um leve tom rosado. Os ricos cabelos castanhos, antes presos num coque senhoril, caíam em ondas suaves sobre os ombros delicados, deixando-a com um aspecto mais jovial do que seus vinte e oito anos.

As duas mulheres tinham vivido o luto na mesma época, Antonia pela morte do pai, e Judith pela perda do marido. Antonia aproveitara a ocasião para convencer sua nova dama de companhia da necessidade de um novo guarda-roupa que fizesse jus à sua posição. Judith hesitara, receando arcar com as extravagantes despesas dos trajes elegantes e simples, mas as contas sempre se mantiveram em segredo entre Antonia e a modista.

Antonia cruzou a sala e apanhou a graciosa escultura de madeira que representava um falcão peregrino pousado em um galho, com a cabeça inclinada para o lado como se estivesse relembando a alegria do voo. Adam a esculpira quando tinha apenas quinze anos e lhe dera como presente de aniversário.

Com um suspiro, ela acariciou a madeira polida, admirando a perfeição do entalhe. O primo sempre fora dono de uma invejável habilidade manual. Quando crianças, os dois percorriam juntos os campos em busca de ninhos, tomando o cuidado de não tocar nos ovos nem afugentar os pássaros.

Inquieta, ela colocou a escultura de volta na prateleira com expressão saudosa.

— Provavelmente eu não deveria sugerir isso, mas... — Judith começou com cautela. — Já lhe ocorreu que Adam pode ter mudado ao longo desses anos? Ele mal tinha completado a maioridade quando foi para a Índia, e agora é um homem-feito.

— Tolice! — Antonia se pôs a acariciar a madeira acetinada com expressão distante. — Eu teria notado as mudanças de meu primo nas cartas que trocamos ao longo desses anos. Ele certamente não é mais o mesmo, mas quem não muda em oito anos? Mesmo assim, ainda é o Adam que conheço.

Antonia sentiu que franzi a testa e obrigou-se a relaxar. Ainda não

entendia a razão pela qual Adam deixara a Inglaterra às pressas. Seu pai tinha a intenção de conseguir-lhe uma colocação no Exército quando ele concluiu a universidade em Cambridge.

A decisão de Adam fora repentina. Ele havia partido deixando apenas um bilhete escrito às pressas informando sobre sua decisão de embarcar no navio rumo à Índia. Desculpava-se pela despedida inadequada, e tentara reparar o deslize com cartas assíduas ao longo dos anos. Porém, nunca mencionara o motivo de sua partida.

Antonia reprimiu um suspiro. Talvez Adam soubesse que ela tentaria convencê-lo a ficar. A ausência inesperada fora um choque que a fizera compreender o quanto julgara mal os sentimentos do primo.

Ela encolheu os ombros, impaciente com os pensamentos. Tudo o que importava agora era que Adam estava de volta, e os laços de sangue e amizade superavam seus sonhos românticos.

Judith olhou para Antonia com simpatia. Na verdade, estava quase tão impaciente quanto sua patroa pela chegada de Adam Yorke. Ouvira falar dele por mais de dois anos, incluindo a leitura de longos trechos das cartas que enviava à prima. Imaginava-o como um homem inteligente, generoso e com apurado senso de humor.

Às vezes, Judith questionava se havia algum romance entre Antonia e o primo, mesmo sem a amiga nunca ter sugerido nada parecido. Na verdade, nunca a vira se interessar por homem nenhum, embora não faltassem pretendentes esperançosos em Londres.

Antonia representava um enigma. Sua natureza extrovertida a levava a ser simpática e acolhedora com todos que a rodeavam. Ela chegava a flertar com alguns admiradores, mas mantinha-se reservada e rechaçava qualquer tentativa de maior proximidade. Tinha poucos amigos íntimos. Por causa da beleza, as mulheres a invejavam e os homens a desejavam, deixando pouco espaço para as amizades sinceras.

Talvez Antonia passasse o restante de seus dias como uma solteirona feliz, sem se importar com um casamento que lhe possibilitasse a conquista de fortuna ou posição social. Considerando o insucesso de alguns casamentos, ela não culpava a amiga. Para que se casar? Uma mulher podia facilmente ser enganada, como havia acontecido com ela própria.

Talvez simplesmente não tivesse encontrado o homem certo, ou sua suspeita em relação ao romance entre a amiga e o primo se justificasse, Judith pensou.

Encolhendo os ombros, ela voltou a atenção para o bordado depois de olhar de soslaio para Antonia, agitada como um tigre enjaulado. Caso decidisse se casar, não teria problemas em encontrar um candidato,

refletiu, atendo-se aos pontos intrincados do trabalho.

O tempo se arrastou lentamente, e Antonia encontrou consolo no piano. Tocou apaixonadamente, abstando-se de perguntar novamente se o relógio havia andado.

Perto do meio-dia, Judith guardou o bordado e se debruçou na janela. Seu coração disparou ao ver o homem que desceu da carruagem parada diante da casa. Na certa, aquele era Adam Yorke. A luz do sol atrapalhava a visão, mas a silhueta imponente causou uma impressão favorável.

Mesmo que Antonia não considerasse que o tempo pudesse fazer alguma diferença em sua relação com o primo, oito anos haviam se passado desde que ele partira para o outro lado do mundo. A sociedade inglesa também havia se modificado.

— Creio que seu primo acabou de chegar — anunciou casualmente, afastando os pensamentos fantasiosos.

A melodia cessou abruptamente, e um silêncio profundo pairou no ar entre elas.

— Como ele é?

— Não consigo distinguir os cabelos sob o chapéu, mas posso ver que tem a pele bronzeada — Judith começou a descrever.

Antes, porém, que pudesse concluir, Antonia saiu correndo da sala.

O som dos passos apressados ecoou ao longe até desaparecer. Judith riu, seguindo Antonia com sua habitual discrição. Deteve-se no alto da escada, de onde podia ver o hall de entrada.

Quando o recém-chegado entregou o pacote que carregava e o chapéu para o criado, a luz do sol revelou mechas claras nos cabelos castanhos. Os trajés elegantes sugeriam que encontrara um alfaiate notável em suas viagens.

Judith imaginava que Adam Yorke se interessasse somente pelo trabalho, e que fosse um homem viril demais para preocupar-se com a moda vigente.

Antonia, no entanto, não perdeu tempo em analisá-lo. Desceu as escadas atabalhoadamente, agitando os cachos cor de damasco.

— Adam!

Ao ouvi-la, o primo ergueu o rosto, oferecendo a Judith um vislumbre de suas feições. Apesar da magreza do rosto, os traços revelavam uma beleza máscula. Então, sua fisionomia se iluminou com a visão de Antonia, que se jogou nos braços dele antes mesmo de descer os últimos degraus da escada.

Adam Yorke demonstrou ter reflexo e força suficientes para pegá-la no ar. Rindo, rodopiou com ela nos braços, como faziam quando eram crianças. Abraçou-a longamente antes de colocá-la no chão de mármore.

O riso dos primos ecoou pela casa.

— Meu Deus! Você quase me matou de susto! — Adam exclamou com voz de barítono. — Você não cresceu?

— Claro que não! — Os braços de Antonia permaneceram ao redor do pescoço do primo. Seu semblante irradiava a mais pura alegria. — Você ficaria desapontado se eu crescesse?

— Imagino que não.

Adam tocou suavemente os cabelos brilhantes da prima. Constrangido ao perceber que a intimidade entre eles era observada por Judith, afastou-se ao notar a presença da espectadora interessada.

Judith desceu as escadas em ritmo mais lento do que a amiga. Antonia poderia pensar em Adam como um irmão, mas o mundo em geral consideraria seus arroubos inadequados. Parte do seu trabalho era protegê-la das críticas, o que significava fazer notar sua presença.

— Judith, venha conhecer Adam Yorke, meu primo pródigo! — Com um largo sorriso, Antonia estendeu-lhe a mão assim que Judith chegou ao último degrau. — Adam, esta é a sra. Winslow, minha amiga e dama de companhia.

Judith viu que ele era apenas um pouco mais alto que a média. O brilho divertido dos olhos cinza-esverdeados com nexas marrons a agradou quando Adam se inclinou para pousar um beijo em sua mão. Os dedos longos apertaram os dela com gentileza, usando a força necessária para não constrangê-la e, ao mesmo tempo, fazê-la sentir o vigor do contato.

— Fico honrado em conhecê-la, sra. Winslow. Se pareço surpreso, a culpa é de Antonia, que tem me enganado sistematicamente nos dois últimos anos. — Ele olhou para a prima com expressão de falsa censura. — Esta é a viúva feroz que lady Forrester lhe impingiu?

— Não se deixe enganar pelas aparências... — Antonia riu. — Asseguro-lhe que ela é mesmo um dragão. Diga alguma coisa em dragonês, Judith!

— Receio dizer algo inadequado, lady Antonia — ela murmurou com a face ruborizada, imitando a inflexão de lady Forrester. — Ainda não me acostumei aos deploráveis costumes modernos.

O ouvinte demonstrou sua apreciação com um riso divertido.

— Estou convencido. A sra. Winslow é realmente feroz. — Recuperando seu pacote com o criado, Adam sugeriu: — Podemos ir para a sala de estar? Como manda a tradição de todo viajante, eu trouxe algumas quinquilharias da outra extremidade da Terra.

Os três foram para o cômodo contíguo, mais propício para a conversa informal. Os presentes de Adam dificilmente poderiam ser chamados de quinquilharias: um requintado medalhão com compartimento

para retratos, estatuetas de marfim liso e um porta-perfume de cristal proveniente da China, com delicados peixes dourados pintados em seu interior.

Antonia abriu o frasco e fechou os olhos ao inalar o delicado perfume.

— Oh! É maravilhoso! Suave e, ao mesmo tempo, marcante. Quase posso me ver num bazar oriental! — comentou, estendendo o vidro para Judith.

— O Oriente tem aromas menos atraentes, mas esse perfume é especial. Dizem ser o favorito da principal concubina do imperador da China. — Adam se calou abruptamente e riu, constrangido. — Desculpem-me pela indelicadeza. Suponho que não deveria mencionar tais detalhes diante de duas damas. Afinal, estou de volta à Inglaterra e devo me habituar aos costumes daqui.

— Não ouse ser formal comigo — Antonia disse em tom severo, embora seus olhos tráissem o riso.

Ela estudou o primo atentamente e sentiu-se estranha. Embora seu sorriso discreto parecesse familiar, ao mesmo tempo sentiu a distância imposta pelo passar dos anos. Os olhos ardentes eram os mesmos, assim como o meio-sorriso provocante, mas o efeito do sol e do vento tinham marcado a pele, fazendo-o parecer mais velho e autoritário.

Antonia sabia que Adam se saíra bem nos empreendimentos comerciais. As experiências complexas o tinham feito amadurecer. No entanto, ainda era seu primo, e não um estranho.

Enquanto ela refletia, Adam colocou uma peça de seda brilhante em seus braços. Antonia ficou deslumbrada com a leveza do tecido. As cores cintilantes desafiavam a descrição, mas o tom de damasco sobressaía, dourado como os reflexos nos cabelos dele. Admirando o lindo bordado com fios de ouro ao longo das laterais, ela levantou o frágil tecido brilhante, encantada com a maciez e o caimento.

— É o tecido mais bonito que já vi, Adam! Onde o comprou?

— É proveniente da Índia. Chama-se *sari*, a vestimenta tradicional das mulheres indianas. — Ele enfiou a mão no bolso interno do casaco, retirou um envelope e entregou-o à prima. — Eu não saberia ensiná-la a se vestir, por isso, pedi a uma amiga que anotasse todos os passos da forma correta de dobrá-lo. Você provavelmente fará um vestido, mas achei que gostaria de tentar usá-lo da forma indiana ao menos uma vez.

— Claro. — Segurando a seda nas mãos, Antonia impulsivamente inclinou-se para beijar a face de Adam. — Como sempre, você pensa em tudo. Obrigada.

Embora estivesse bem barbeado, Adam mantivera o bigode. Os lábios de Antonia pressionaram-lhe a face, registrando a textura agradavelmente

masculina. O contato a fez lembrar que ele era um homem, e não mais um rapazinho. Desconcertada, ela recuou depressa.

— Trouxe-lhe uma lembrança, sra. Winslow.

Judith assustou-se ao ouvir seu nome. Ela se mantinha calada a um canto, tentando se manter invisível para não atrapalhá-los. Aceitou o presente com um agradecimento sincero e desviou o rosto para disfarçar o rubor. Durante sua vida, sempre fora mera espectadora, sem ter o direito de esperar presentes ou favores especiais. A consideração do gesto fez com que se emocionasse.

— Não precisava se incomodar, sr. Yorke. Afinal, acaba de me conhecer!

— Realmente, mas achei que a acompanhante de Antonia merecia minha atenção. Escolhi essa caixa por julgar que seria uma opção adequada para uma viúva de temperamento incerto.

Judith fitou os olhos de Adam Yorke e percebeu que também era um espectador, assim como ela. Qual seria a razão de ter sido criado com Antonia? O que teria acontecido com seus pais?

Ela inclinou a cabeça para examinar a caixa de madeira que ganhara.

— É feita de sândalo — Adam explicou.

A peça primorosamente entalhada mostrava relevos de flores e folhas em marfim incrustado. A fragrância leve e picante invadiu as narinas de Judith quando ela ergueu a tampa. O interior, dividido em compartimentos revestidos de veludo, seria de bom uso para guardar joias e fitas. Certamente havia custado caro, e fora um presente cuidadosamente escolhido, útil para uma mulher de qualquer idade ou posição.

— É a peça mais linda que já possuí — Judith disse com genuína gratidão. Se fosse prima de Adam, também o teria beijado. — Obrigada. Vou estimá-la para sempre. — Ela sorriu em provocação antes de continuar: — Será perfeita para minhas pílulas e panaceias.

Todos riram, e ela pediu licença para se isolar no assento próximo à janela e retomar o bordado, deixando os primos conversar com maior privacidade.

Burton entrou na sala para anunciar que o almoço estava servido, e Judith fez um gesto discreto indicando que o criado se retirasse. A refeição podia esperar.

Uma hora depois, Antonia enunciou a pergunta que ansiava por fazer desde que recebera a última carta do primo anunciando seu retorno para a Inglaterra.

— Quanto tempo ficará conosco, Adam? Espero que alguns meses.

Ele arqueou as sobrancelhas.

— Decidi me estabelecer na Inglaterra em definitivo. O que você

acha?

— Isso é maravilhoso! — Antonia pulou na cadeira de alegria. — Quais são seus planos?

Adam fitou-a nos olhos e hesitou por um momento antes de se virar.

— Ainda é cedo para dizer. Preciso de tempo para me readaptar à Inglaterra. E quanto a você, Antonia? Pensei que tivesse se tornado uma respeitável senhora casada. Pelo que entendi, você estava comprometida com lorde Ramsay. O que houve? Ele contrariou algum desejo seu?

— Que leviandade, primo! — Antonia fez um muxoxo ofendido. — Tive algumas propostas, mas nenhuma que valesse a pena aceitar.

— O que aconteceu com Ramsay? Você me contou que haviam rompido, mas não esclareceu a razão. Ele se comportou de maneira inadequada com você?

— Não há necessidade desse olhar superprotetor, Adam. Lorde Ramsay era um perfeito cavalheiro. — Antonia sorriu ironicamente. — Esse foi o problema. Eu decidi que era hora de aceitar alguém na minha vida, e Ramsay foi o melhor que pude encontrar. Bonito, rico, com título de nobreza, boa índole... mas quando ele me deu um ultimato e exigiu que marcássemos a data do casamento ou o noivado estaria terminado... bem, decidi terminar o noivado.

Ela riu ao acrescentar:

— Você não acreditaria no entusiasmo com que joguei tudo para o alto. E acho que ele ficou tão aliviado quanto eu — Antonia disse defensivamente.

— Você está determinada a nunca se casar, Antonia?

Antonia refletiu antes de responder. Não queria revelar seu tolo romantismo nem mesmo para Adam.

— Sim, eu gostaria de me casar — disse lentamente. — Mas também gostaria de sentir algo mais do que simples carinho pelo meu marido.

— Pelo que vejo, você é romântica. — Adam sorriu com simpatia. — Bem, pode se casar comigo. Pretendo me estabelecer e formar uma família, e você é a única mulher que eu conheço na Inglaterra.

Depois de um longo silêncio, Antonia riu.

— Cuidado com o que diz, Adam. Posso surpreendê-lo ao aceitar a proposta.

— Estou preparado para assumir as consequências — ele retrucou, docemente.

Judith percebeu que a euforia na voz de Adam Yorke escondia uma ponta de esperança. Antonia, no entanto, parecia alheia ao fato. Ela entendera a proposta como mais uma provocação comum entre ambos. Sua consideração por Adam era a mesma de um irmão, ao contrário do

rapaz, que definitivamente não via sua linda prima da mesma forma.

Judith voltou a atenção para o bordado, sentindo-se constrangida pela intromissão. Gostaria que Antonia cedesse aos encantos do primo e se casasse com ele. No entanto, receava que seria mais conveniente para ele encontrar uma mulher que retribuísse seu amor.

O criado entrou e tossiu discretamente para chamar a atenção.

— Lady Fairbourne, o almoço está servido.

Antonia olhou para o relógio e se espantou.

— Oh, Senhor! Não percebi o adiantado da hora! A cozinheira deve estar furiosa. Estaremos prontos em dez minutos.

Quando Burton se retirou, Adam olhou para a prima com espanto.

— Lady Fairbourne?

— Sim. — Antonia inclinou a cabeça para um lado. — Nunca lhe escrevi a respeito?

— Não. E, pelo que me lembro, Fairbourne era um dos títulos menores de seu pai.

Antonia endireitou-se no sofá e empinou o queixo com falsa arrogância.

— Sim, sou a baronesa Fairbourne. — Ela sorriu antes a expressão confusa de Adam. — É simples. Após a morte de meu pai, os advogados notaram que o título de baronato foi adquirido por direito.

— O que isso significa?

— Tal baronato remonta à Normandia. Na ausência de herdeiros varões, o título pode ser herdado por uma mulher. O baronato por petição pode ser submetido a instâncias superiores e autorizado a uma herdeira quando não houver representantes do sexo masculino. O restante dos títulos de papai e a propriedade vinculada a eles ficaram com o primo Roger quando ele se tornou conde de Spenston. Mas o baronato de Fairbourne me pertence.

Adam assentiu, intimamente tenso com a menção das diferenças de classe entre eles.

— O advogado de papai me disse que o baronato de Ros, tido como o mais antigo da Inglaterra, passou por oito ou nove famílias. É complicado demais. Se eu tivesse irmãs, seríamos co-herdeiras do título, e nenhuma de nós seria chamada de lady Fairbourne. O título estaria em suspenso, e permaneceria dessa forma até que todas as reivindicações fossem concentradas no único filho varão de uma de nós. Alguns baronatos por petição podem permanecer suspensos durante séculos.

Vendo a expressão confusa de Adam, ela sorriu gentilmente.

— Sei que é difícil compreender. Levou algum tempo para os que os advogados conseguissem me fazer entender.

— Posso entender perfeitamente — Adam murmurou, seco. — Então, como devo chamá-la? Lady Antonia ou lady Fairbourne?

— Divirto-me com isso. — Antonia sorriu, maliciosamente. — De certo modo, como filha de um conde, minha posição é superior à de um simples barão. Mas “lady” é um título de cortesia, enquanto o baronato me pertence por direito. Claro, os amigos e criados me chamam de lady Antonia, mas lady Fairbourne seria mais correto.

— O que Vossa Senhoria prefere?

— Não se atreva a ser formal comigo, Adam! Ou eu vou... — Ela se calou, incapaz de pensar numa punição adequada.

Adam levantou-se e ofereceu-lhe o braço.

— Ou você vai o quê? — provocou.

— Pensarei em alguma punição para você — ela disse, com expressão ameaçadora.

— Algo assustador e sombrio, se a memória não me falha.

Antonia riu e apertou o braço do primo, dirigindo o olhar para Judith.

— Judith, quer nos fazer companhia?

— Tem certeza de que não vou atralhar? Vocês devem ter mil coisas para contar um ao outro.

— Não se preocupe com isso. Você não será inconveniente para mim.

— Adam ofereceu-lhe o outro braço. — Junte-se a nós, a menos que ache nossas reminiscências tediosas.

Judith sorriu ao se levantar e aceitar o braço dele. Durante a refeição que se seguiu, ela apreciou o esforço de Adam Yorke para incluí-la na conversa. Ele fitava a prima com admiração... ou talvez, algum sentimento maior do que isso.

Adam era um homem atraente, e muito mais interessante do que qualquer um dos cavalheiros londrinos que cortejavam Antonia. Até mesmo para uma mera observadora como Judith Winslow, o sr. Yorke parecia um pretendente à altura da baronesa Fairbourne.

O criado entrou com a bandeja de frutas e doces para a sobremesa, e Antonia esperou que os servisse antes de perguntar:

— Onde está sua bagagem, Adam? Devo mandar alguém apanhá-la no porto?

— Não, obrigado. Ficarei em Clarendon.

Antonia arregalou os olhos, espantada.

— Isso é ridículo! Você se hospedará aqui.

— Antonia, mesmo tendo a companhia da sra. Winslow, seria inadequado.

— Mas você é um membro da família! — Ela mordeu o lábio, lembrando-se de que, agora, o primo era um homem, e ela não fazia mais

parte de sua vida.

Adam ponderou a consideração com fisionomia grave.

— Sinto muito, sei que não deve pressioná-lo — ela contemporizou.
— Eu esperava que você me fizesse companhia.

— Fico honrado com o convite — ele admitiu —, mas não somos mais crianças, e nem somos tão próximos. Além disso, poderia comprometer sua reputação junto à sociedade inglesa.

— Não seja ridículo! — Antonia o fitou com olhar severo. — Você está supervalorizando algo que não faz sentido.

— Gostaria de pensar como você — Adam murmurou.

Judith observava os dois primos conversar, sentindo a tensão entre eles como se uma antiga discussão fosse revivida.

— Ninguém pode negar que Londres se deleita com as fofocas — não se conteve em comentar —, mas em Thornleigh, nem mesmo os mais conservadores reprovarão a presença do sr. Yorke.

— Sua ideia é maravilhosa! — Antonia aplaudiu, entusiasmada. — Eu permaneceria em Londres se você decidisse ficar aqui, Adam, mas será maravilhoso se formos para Thornleigh! Certamente você terá algum tempo antes de voltar ao trabalho.

Ele hesitou.

— Eu gostaria, mas um amigo meu, lorde Launceston, retornou à Inglaterra no mesmo navio. Talvez você se lembre. Cheguei a mencioná-lo em algumas cartas. Simon foi visitar a mãe em Kent, mas em aproximadamente duas semanas pretendemos fazer uma viagem de férias juntos, talvez para Derbyshire.

— Eu me lembro de você mencionar esse nome. A menos que lorde Launceston não seja o tipo de cavalheiro capaz de conviver pacificamente com companhias femininas, você poderia convidá-lo para passar algum tempo conosco. Derbyshire fica próximo a Thornleigh — sugeri Antonia.

— Oh, Simon é mais que apresentável, embora tenha passado alguns anos fora do país. Se você não achar inconveniente hospedar um estranho, ficarei feliz em convidá-lo.

Algum tempo depois, Antonia se lembraria daquele momento com perplexidade. Ela jamais imaginaria que algo que havia começado tão casualmente traria fatos e consequências imprevisíveis.